

# mia coutho

vagas e lumes

CAMINHO

# Ficha Técnica

Título: Vagas e Lumes

Autor: Mia Couto

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722127257

Editorial Caminho, SA

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Mia Couto e Editorial Caminho, 2014

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.caminho.leya.com](http://www.caminho.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

*«No auge da tempestade  
há sempre um pássaro para nos tranquilizar  
É a ave desconhecida  
Que canta antes de voar»*

René Char

VAGAS

## AUTOBIOGRAFIA

Onde eu nasci  
há mais terra que céu.

Tanto leite é uma bênção  
para mortos e sonhadores.

E de tão pouco ser o céu  
nasce o Sol  
em gretas nos nossos pés  
e os corações se apertam  
quando remoinhos de poeira  
se elevam nos telhados.

As mães  
espanam o teto  
e poeiras de astros  
cobrem o soalho.

De tão raso o firmamento,  
a chuva tropeça nas copas  
enquanto nuvens  
se engravidam de rios.

Com tanta escassez de céu  
não há encosto  
nem para a mais minguante lua  
e os meninos,  
na ponta dos dedos,  
acendem estrelas.

Pois,  
nessa terra  
que é tanta para tão pouco céu,  
calhou-me a mim ser ave.

Pequenas que são,  
as minhas asas parecem-me enormes.

Envergonhado,  
escondendo-as dos olhares vizinhos.

Nas minhas costas  
pesam  
versos e plumas.

Voarei,  
um dia,  
sem saber  
se é de terra ou de céu  
a pegada do voo que sonhei.

## O HABITANTE

*(ao meu pai)*

Se partiste, não sei.  
Porque estás,  
tanto quanto sempre estiveste.

Essa tua,  
tão nossa, presença  
enche de sombra a casa  
como se criasse,  
dentro de nós,  
uma outra casa.

No silêncio distraído  
de uma varanda  
que foi o teu único castelo,  
ecoam ainda os teus passos  
feitos não para caminhar  
mas para acariciar o chão.

Nessa varanda te sentas  
nesse tão delicado modo de morrer  
como se nos estivesses ensinando

um outro modo de viver.

Se o passo é tão celeste  
a viagem não conta  
senão pelo poema que nos veste.

Os lugares que buscaste  
não têm geografia.

São vozes, são fontes,  
rios sem vontade de mar,  
tempo que escapa da eternidade.

Moras dentro,  
sem deus nem adeus.



## INCERTIDÃO DE ÓBITO

Quando forem de pedra  
os teus olhos:  
uns te darão por falecido.

Quando forem de fogo  
os insetos que te devoram:  
talvez então te digam defunto.

Mas nem pedra nem fogo  
te darão ausência:  
no teu ombro  
pousa o voo dos regressos.

A vida  
é um prematuro sonho.

Só morre  
quem nunca viveu.

## ÁRVORE

Onde os frutos maduram:  
sal e sol em minhas veias,  
luz e mel em boca alheia.

Onde plantei  
a alta acácia das febres  
eu mesmo me deitei,  
para ser a raiz da semente,  
e de madeira e seiva  
se fez o meu corpo.

Agora,  
chove dentro de mim,  
em minhas folhas se demoram gotas,  
suspensas entre um e outro Sol.

Em mim pousam  
cantos e sombras  
e eu não sei  
se são aves ou palavras.

## PREMATUROS OLHOS

Muito antes de mim,  
os meus olhos  
andaram a despir o mundo.

O que era roupa  
tombou num escuro abismo,  
desolada ave sob a chuva.

E não era roupa,  
era alma de gente,  
sonhos à procura do tempo.

Debruçada na margem,  
a lavadeira sabe:  
não é da roupa que cuida.  
É o próprio rio que ela lava.

E no seu ventre,  
onde a luz se ajoelha,  
certa vez se desenroscou  
a trança cega do Tempo.

Por isso, mãe,  
os meus olhos são teus.

E eles não servem para ver.

Apenas para recordar.

O que antes de ser luz  
foi palavra e corpo.

## GAIOLA

A pluma pensa,  
a ave pesa.

Mais leve é o céu  
que não sabe voar.

Hoje, porém,  
contra plumas e céus,  
a gaiola se ergueu  
e voou sobre a cidade,  
grave e sem gravidade,  
rumo às citadinas nuvens.

A gaiola  
vingava a saudade  
que a asa sentia do pássaro.

E cruzou  
o agnóstico céu,  
disputando lugares de anjos.

E era um milagre de coisa  
profanando o firmamento.

Mas, afinal,  
fui eu  
e não a gaiola  
quem do chão se soltou.

Flutuei  
por entre nuvens  
como se outra terra pisasse.

Nas alturas,  
porém,  
a asa, sem pluma,  
de vertigem sofreu.

Entendi, então,  
o meu voo corrigir.

Mas foi fatal o intento.

Porque o voar de ave  
é como alma sem rasura:  
sempre sem erro,  
sempre segura da precisa altura.

Na aresta do chão  
me despenhei,  
tombando em cascata de sombra.

Inteiro sobre mim,  
com peso de lápide,  
um céu confirmava:  
todos de si sabem  
o lugar e a idade.

Desconhecemos apenas  
onde somos eternidade.

## RAIZ

Não é o viver que me cansa.

É o não haver morto  
que, em mim, não ressuscite.

De tal modo  
que não encontro morte que seja minha.

Alheio e distante  
se tornou o fim que trago em mim.

Longínqua a fonte  
onde bebi a luz até ser pranto.

O meu sonho  
vai lavrando noites  
e não há fundura na terra  
que receba o meu sono.

A casa  
segue a vocação da asa.

E eu,  
para ser feliz,  
esqueço-me que sou raiz.

## EXÍGUOS ANSEIOS

Não quero o mar.

Quero o instante  
em que o oceano inteiro  
se enrosca numa só onda.

Não quero rios.

Um redondo de lágrima me basta:  
teus dedos  
recolhendo gaivotas  
no raso voo sobre o meu peito.

Eu quero um deserto.  
Mas de vastidão mindinha.

Desses que cabem num grão de areia.



## VIAGEM

No caminho  
havia um rio.  
E o rio  
tinha da navalha  
o apurado fio.  
E cortou em dois o mundo.  
Chamei o peixe.  
E o peixe bebeu o rio.

No céu  
havia nuvens.  
Eram nuvens velhas, cansadas.  
Chamei o pássaro.  
E o pássaro comeu o céu.

Sobejou,  
sob os pés, a terra  
e a sua imensidão.  
Chamei o tempo.  
E o tempo comeu o chão.

Sem terra, sem rio, sem céu,  
não me restou  
senão o vislumbrar  
de um sonho.

E o sonho  
foi ave e peixe,  
foi tempo e foi céu.

Depois, aos poucos,  
o sonho me devorou a vida.

E, assim,  
em mim,  
nasceram todas as vidas.

## ESTÁTUA

Da abandonada estátua  
partilho o mineral destino:  
encherei de vazio a pedra,  
e mantereí os olhos polidos  
pelos dejetos dos pássaros.

Da poesia  
fiel discípulo serei:  
abrirei a boca  
apenas para morrer.

Mas se houver que proclamar  
a justa lembrança, direi:

– a primeira pedra  
não foi para castigar mulher.

Foi para esculpir  
uma deusa  
em cada futura Madalena.

## TESTAMENTO

Tudo o que tenho  
não tem posse:

o rio e suas ocultas fontes,  
a nuvem grávida de novembro,  
o estilhaçar do riso em tua boca.

Só me pertence  
o que não abraço.

Eis como eterno me condeno:  
– amo o que não tem despedida.

## IDADE

Mente o tempo:

a idade que tenho  
só se mede por infinitos.

Pois eu não vivo por extenso.

Apenas fui Vida  
em relampejo de incenso.

E quando me acendi  
foi nas abreviaturas do imenso

## ERRATA

Quem é mortal, mente.

Mentirosos,  
ainda mais,  
os tais,  
imortais.

Sem culpa,  
uns e outros.

O verbo morrer  
é que é de sujeito falso  
e de duvidosa ação.

Mais verdadeiro  
seria se não fosse verbo.

Ou se conjugasse apenas  
em forma passiva: ser morrido.

Como eu,  
mais que as vezes que nasci,  
fui morrido por ti.

E, assim, findo  
num engano de rio:  
simulando que morre  
mas sendo água eterna.

## O MENINO, A CASA E A ÁRVORE

Eu era pequeno,  
a árvore era grande,  
a casa era infinita.

A casa era de terra,  
a árvore era céu,  
e eu era véspera de viagem.

A árvore voava,  
a casa nascia  
e eu só sabia ser ninguém.

No escuro da casa,  
o quarto crescia.

Sob o lençol,  
a árvore sonhava.

Na minha cama,  
o universo dormia.

## OUTROS NOMES DA TERRA

Mais do que magma e rocha,  
a Terra é feita de Tempo,  
um corpo nosso  
que nasceu antes de nós.

A Terra é o joelho do boi,  
a anca do rio,  
a cabeceira do oceano.

A Terra  
é a cauda do princípio,  
na boca do enfim.

Nela nos desenterramos  
quando pensamos nascer.

Nela nos semeamos  
quando julgamos partir.



## A LÁGRIMA E O BÚZIO (1)

Em tudo o que desponta,  
auspicioso e novo,  
perdura o velho, falso morto.

É isso  
que me diz a onda  
agasalhando a maresia.

É essa  
a lição de infinito  
que recebo das ilhas.

Nada em nós  
é mais antigo que o mar.

Eis porque nascemos num pranto:

– a lágrima  
é uma semente de oceano.

## A LÁGRIMA E O BÚZIO (2)

Todo o nascer é um regresso:  
quem nasce apenas renasce.

Em tudo que desponta  
há um refluir de rio  
inundando um vazio espesso,  
um coágulo de mar  
sob um céu de gesso.

Todo o parto  
é um desdobrar de asas,  
terra brotando de água incerta,  
sombras de ave  
sobre a mão aberta.

Tudo o que brota  
é um eco do que ainda vai nascer  
uma voz que em canto se desfez.

Tudo finge a primeira vez.

Antiga,  
em nós,  
apenas a voz do mar.

E a lágrima é um búzio,  
um fio de nada  
se ausentando devagar.

## DAVID

Contra o gigante  
se ergueu o menino.

Foi ao rio  
juntou três pedras:  
cabiam-lhe  
mais no peito  
que nas mãos.

Escolheu uma,  
a maior,  
e com raiva  
que superava a idade,  
arremessou-a  
contra o medo e a servidão.

Aquela pedra  
foi a nossa primeira bala.

## HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

O rumor de um rio  
me rasga o corpo,  
cada margem  
uma metade do mundo.

Naufrágio  
não de barco,  
mas de não mais haver viagem.

O que sou,  
por onde vou:  
oceanos que em si mesmo se afogam.

O que busco  
não é ser do mar.

O meu destino  
é costurar  
terra e mar.

## GUERRA

Tenho mil anos:  
foi o que disse o menino.

O soldado riu-se:  
aterrorizado, o menino variava.

Ou desconhecia  
a altivez dos números.

Tenho mil anos,  
repetiu a criança perante a ameaça da arma.

Se me matar,  
prosseguiu o menino,  
abrir-se-á um buraco maior que o chão.

O soldado fitou os pés e viu o abismo.

Só então deu conta  
que ele mesmo  
era o menino que ia matar.

## TELEGRAFISTA

Leio  
como quem escuta  
um subterrâneo telegrafista.

Ouço a escrita,  
tiquetaqueando no papel.

Talvez, por isso,  
o poema não tenha caligrafia.

Apenas sotaque.

Entre cifras e silêncios,  
aprendo  
a gramática  
da ilegível terra.

Em cada letra,  
um enviado cego  
ascende em nevoeiro.

Leio  
para beijar  
os dedos desse mensageiro.

## TERCEIRO MUNDO

Chegou a dádiva.

Pairou a dúvida.

Cresceu a dívida.

## INDIAGNÓSTICO

Do que padeço  
não tenho como dizer:

a palavra é já remédio  
e as minhas dores  
estão além de qualquer nome.

Silêncio de chuva  
aprendendo a ser água,  
sede de animal ferido,  
ânsia de querer ser bebido.

Secura que nenhum rio aplaca  
pois que não é de água  
mas de gente  
esta sede que de mim me aparta.

O que o sonho pede  
de mim não mais se despede.



## A FERIDA

Só o leão ferido sabe tombar.

Só ele perde o corpo  
antes de perder a vida.

De súbito,  
já não há chão.

Sobre si mesmo o leão desaba.

Depois,  
o silêncio nasce perfeito  
como se nunca antes  
ninguém se tivesse calado.

Na veia rasgada  
se confirma:  
nenhuma vida é alheia.

E todo o sangue  
é sempre nosso.

## RUPESTRE

Não é em papel  
mas na rocha  
que escrevemos.

Essa rocha tão antiga  
que nasceu antes de haver Tempo.

Essa escrita tão humana  
que não é obra  
mas pura semente.

Na rocha  
e com rocha se escreveu  
tudo aquilo que já fomos:  
caçadores e presas,  
sonhadores de águias e gazelas.

Em cada desenhado bicho  
mais humanos nos soletramos.

Em nós resta esse homem  
que aos deuses se ditou  
e quanto mais de si rabiscou  
mais divino se tornou.

E nas inventadas letras  
um universo sucedeu:  
a parede se fez livro,  
a gruta se fez céu,

o medo se livrou do breu.

Em lembrança já extinta,  
a aspereza da pedra  
nos poliu os dedos,  
e, no ocre da tinta,  
sangrou a veia da Terra.

Parente da pedra,  
o poema é um baixo-relevo:  
no sumiço do inscrito  
se revela o escrito.

E tudo que se gravou,  
às avessas se esculpiu:  
foi o desenho  
que inventou a mão.

E quanto mais lascada,  
mais selvagem  
a alma de nós se desatou.

## DRUMMOND

Por labor lhe coube  
dar nomes às coisas.

Em tudo  
a sua palavra pousou  
como mão em benzida água.

E os seres,  
haves e nascentes,  
a seu modo batizou  
para que a todos  
coubesse parto e morte.

Sucedeu,  
porém,  
que o palavrador  
a si mesmo  
em nome se faltou.

*E agora José?*  
em verso se perguntou.  
*E agora*  
*você que é sem nome?*

No enterro,  
como se houvesse morte,  
lhe inventaram títulos.

Ainda hoje,

com um só nome  
o lembramos:  
poeta.

E nesse nome  
se dizem  
todos os nossos nomes.

## JOÃO CABRAL

A verdade de João  
tem dos cereais  
a espessura do grão:  
para ser servida  
deve ser, antes, moída.

Só é inteira,  
depois de muito doída.

Entre dó e mó,  
vai cegando o arquiteto sem teto.

Com lâmina o verso talha,  
da palavra bruta  
arranca a luz enxuta.

E o verso meandra  
como um rio do seu Recife:  
para ser certa  
a verdade  
não é nunca reta.

## MANOEL DE BARROS

Dizem que, entre nós,  
há oceanos de distância.

Talvez.

Quem sabe de certezas  
não é o poeta.

O mundo que é nosso  
é sempre tão pequeno e tão infundo  
que só cabe em olhar de menino.

Contra essa distância  
tu me deste uma sabedora geo-agrafia  
e, bebendo a palavra africana,  
tornei-me tão vizinho  
que ganhei intimidades  
com o teu chão brasileiro.

E será sempre  
o mesmo catar de verso  
entre poeira e grão,  
o mesmo peneirar de água,  
apartando gotas e silêncios.

E será sempre  
a mesma infância nos restituindo a palavra,  
a mesma palavra devolvendo a infância.

E assim,  
sem lonjura,  
na mesma água  
riscaremos a palavra  
que incendeia a nuvem.



## CARPINTARIA

Troco nervo  
por nervura.

Destroco  
corpo  
por madeira.

O sangue,  
vegetal,  
em seiva  
ascende até ser pétala.

No latejar da gota  
vou  
de árvore  
para tábua.

## O REI

Dentro de nos há um rei  
cujo único saber é não reinar.

O seu trono é tão nada  
que nunca será destronado.

Um monarca sem castelo nem garupa  
que apenas do ingovernável se ocupa:  
neste mundo só entende quem ama.

E quem ama não sabe quem é.  
Como este soberano  
cujá coroa é tão leve  
que apenas lhe dá licença  
para um sonho breve.

Soberano tão esquecido de toda a lei  
que, no fim, confessa:  
– fui rei, apenas quando errei.

## INSÓNIA

É meia-noite.

Só as minhas mãos dormem.

Longe de mim,  
a noite pesa,  
imperpétua prisão.

Haverá algures  
um outro chão  
onde ninguém tenha sido enterrado.

Nesse lugar  
aprenderei a dormir.

Até lá, só, me espero  
para além do sono.

E não é nunca um novo dia.

A insónia  
é o medo do amanhã  
voltar a ser ontem.

## POEIRAS

Meu poema  
quer ser do chão,  
a mais impura sedução.

Meu poema,  
do silêncio foi alimento:  
ali, minto  
entre o que sento e sinto.

Nele sou  
tudo o que vento alisou:  
resto de grão  
pó de eira  
poeira,  
poço,  
pó,  
só.

## NUVEM

O que amor desalinha  
o céu não basta por coberta.

Como a nuvem:  
o peito  
já nascido desfeito.

O dedo do menino,  
ínfimo, aponta o infinito:

*– olha, está nuviscando!*

A nuvem espreita  
os olhos do menino  
e, em espelho,  
vê o céu onde nasceu.

## O ADEUS ATEU

Este é o adeus sem lenço,  
um tempo no Tempo suspenso,  
um silêncio no arco tenso.

Um adeus sem deus,  
um deus sem adeus.

Esta é a despedida sem fim,  
um rasgão dentro de mim,  
um poente depois do confim.

Este é um deus ateu,  
num adeus só meu.

## O POUCO PÓ QUE SOMOS

Não calcas  
apenas um pedaço de caminho.

A Terra inteira  
está sempre debaixo dos teus pés.

O mesmo torrão que pisas  
te irá pesar depois.

Se quiseres leve a eternidade  
trata com leveza o chão.

Imaginas-te autor da viagem?

É o oposto:  
a terra é que andou em ti.  
E, sem queixa nem cansaço,  
de mundo e gente  
a Terra te acrescentou.

A estrada,  
que acreditaste alheia e morta,  
é o teu corpo  
feito de pedra e sonho.

## DEUS, SEJA QUAL FOR

E quando foi Deus,  
foi um deus vencido  
de minúscula letra escrito.

E entregou, desvalido,  
o sonho ainda mal nascido  
e já pela realidade roído.

Deu-se Deus por desistido  
ante Universo e Humanidade  
e, ainda tenra a eternidade,  
contra a lança do Tempo  
se trespassou.

Deus,  
o que for meu,  
será ateu e plebeu,  
sem ter o que seja seu.



## ESTIO (1)

Há vidas  
que me esqueço de ser água.

Espada na espádua,  
a mão arde no dorso da savana.

Os dedos,  
garras de um esquecido Sol,  
cravam-se na montanha.

Eis os despojos:  
um indigente cansaço de gente,  
uma saudade de ser terra  
e deitar-me, inteiro,  
no exangue poente.

Preciso, urgente,  
de um ocaso de todos os sóis.

Para ter esquecimentos  
maiores que tristezas.

## SAL

Água cega  
na retina seca.

O sal  
é o universo enroscado  
em cristal  
no meu sangue.

No meu corpo de terra,  
se afundam rios de areia.

Dentro do peito,  
um coração  
escavado sem medida:  
um poço vazio num oco morto.

No sal,  
guardo a sede do Sol:  
água seca  
na retina cega.

O que aprendi do rio:  
a eterna vocação de alisar a pedra.

## ESTIO (2)

Tuas mãos no meu peito:  
o Sol, sobre o deserto, se aquece.

Um rio terroso,  
lagarto sobre a pedra,  
no meu sono adormece.

No húmido hálito do chão,  
a gazela escava,  
não a raiz comestível,  
mas a Lua  
há muito soterrada.

As tuas mãos  
sobre a minha pele:  
folhas secas  
procuram em mim  
as suas antigas nervuras.

Não é a luz  
mas a inicial gota  
que os teus olhos buscam.

Dispensar a água.

Basta-me a Vida para me lavar.

## A MÃE E A NUVEM

Choras, meu filho?

Olho os teus passos  
como um semear às avessas:  
a terra é um arado  
sulcando os teus pés descalços.

Cada lágrima tua  
abre em mim  
um dilúvio sem ilha.

És o reverso de um parto:  
refaço na carne  
o milagre de que ressurges menino.

Mas não te dou sapatos  
que dinheiro não tenho.

Com os meus próprios pés,  
invento para ti  
um chão sem grão,  
todo feito de algodão e sonho.

Com as mãos em chaga  
enterro a prometida nuvem  
onde esperava um repouso de paraíso.

E volto a falecer  
para que saírem os teus pés.

E assim,  
adidas no meu ventre  
a vida de uma outra vida.

Da terra retiro a semente  
e devolvo-a ao fruto em que morei.

## DERRADEIRO SONHO

Este é o meu último sonho, disse.

E pensaram o pior:  
que ele anunciava o fim.

O homem, porém, a todos tranquilizou.

Que ele apenas queria ser  
um passageiro inquilino da ausência.

Não quero mais sonhar, anunciou.

Os sonhos trazem promessas,  
e eu me quero descrente,  
primeiro homem antes da humanidade.

No sonho há vozes,  
apelos de mundos sem fim.

E eu não quero  
ser chamado por ninguém.

Não há que de mim afastar  
nem veneno, nem cálice,  
sossegou ele os parentes.

Eu tenho a morte para me embriagar.

E de tão embriagado

apenas acedo ao meu póstumo sono.

O que sei da eternidade:  
céus que luzem  
mesmo depois de apagados.

## O NAUFRÁGIO

Cortou os pulsos,  
nenhum sangue vazou.

Jorraram apenas palavras.

Em suas veias  
corria somente a poesia.

Os parentes se entreolharam:  
que médico chamariam?

E maldisseram a vida,  
essa mesma vida que pode ser lâmina,  
quando, para além dela,  
outra vida não se vislumbra.

Rodopiaram  
os parentes pelo aposento,  
todos da culpa se aposentando.

Morrer é sempre demasiado  
mas é descomedido  
quando o próprio a sua morte rubrica,  
deixando a Morte exonerada.

Além do mais,  
havia em pleno chão,  
uma inadiável urgência:  
o suicida se despejava,



em incontida hemorragia verbal.

A mulher chorou.

A filha gritou.

A cunhada desmaiou.

Nesse instante,  
para geral surpresa  
entrou na sala a vizinha.

Caminhou nos antepés,  
cuidando não pisar o rio de palavras  
que no chão se espraia.

Estranharam os parentes  
os líquidos modos da vizinha,  
seus gestos de água,  
seus olhos de maresia.

Depois,  
ante mudez e espanto,  
a mulher tomou em suas mãos  
o braço do moribundo.

Todos pensaram que iria rezar.

A vizinha,  
porém, fechou os olhos  
como se engolisse a própria alma.

E então ela cantou.  
Um murmurar de cascata inundou a casa.

E a canção recolheu,  
pelo redondo da asa,  
cada palavra derramada.

A voz era um pano  
enxugando tristezas.

Aos poucos,  
do palavroso sangue  
o chão se isentou.

O mais espantoso, porém,  
estava ainda por vir:  
pois o moribundo ergueu-se  
e fixou as mãos  
como se as desconhecesse.

Estendeu os braços para a vizinha  
e declarou:

– este foi o canto  
que escutei antes mesmo de nascer.

Quando abraçou a vizinha  
o homem foi engolido pelo mar.

## A PEGADA

Uns deixam na pegada  
um título de propriedade  
do palmilhado chão.

O pé na poeira  
é o ferrete em brasa  
no couro do mundo.

A pegada,  
a mim,  
me despossui.

No tímido passo  
me torno escasso.

O que resta  
na pegada,  
é um pé de água.

Água a perder o pé.

## MODÉSTIA

Em mim,  
não saudeis o poeta.

O poema é um furto.

O poeta  
é um larápio de luzes  
que ele confunde com musas.

De pouco  
o poeta é autor:  
um contrabando de ser,  
um fingimento de fazer.

Muito antes de escrito  
já o poema existia.

Antes de o tempo  
a si mesmo se dizer,  
no sopro que criou o criador,  
já a palavra ali esperava.

Faltava apenas  
quem lhe encostasse a alma  
e, no redondo da mão,  
lhe devolvesse  
o leito e o seio.

Lavrador,

mais do que poeta:  
eis o meu único labor.

## O FUMADOR DE JANELAS (1)

A casa se encolhe  
até ser toda de dentro.

Siamesas,  
luz e água,  
sombra e Sol.

As paredes se apagam,  
enquanto  
da janela te aceno.

E sopro  
um beijo,  
cada dedo  
uma ousada asa.

Mas aquela que beijo  
mora além do teu corpo,  
além da última casa.

A janela  
é uma voz que espera,  
uma boca colada  
à boca do mundo.

## O FUMADOR DE JANELAS (2)

Janelas,  
quero-as rasgadas e baças.

Para que a luz  
me chegue cansada,  
num desmaio sem corpo.

E depois tombe  
em suspiro noturno.

Assim,  
na hora do poente,  
a gente da rua  
me veja como num navio.

E, desse modo,  
nasça o aceno de um adeus.

Como se,  
para sermos gente,  
tivesse que haver viagem.

## A VEZ E A VOZ

Fui visitar a cantora.

Nem entrei.

À entrada,  
o corpo dela  
pousando sobre a anca,  
era uma porta fechada.

Perdi o canto, anunciou ela.

Pode haver canto  
neste tempo sem encanto?

Pode cantar  
quem perdeu toda a certeza?

Veja a casa,  
vasculhe os recantos:  
não verá  
nem viva alma,  
nem alma viva.

Se a visita  
foi a quem canta,  
bem pode ir de vez.

Infinita e pouca  
é a vida que nos toca.



Meus amores foram,  
uns definitivos, outros loucos.  
Meus sonhos sucumbiram roucos,  
meus bens são menos que poucos.

O canto foi minha água,  
minha única nascente.

Mas a voz  
é agora a minha foz.

E não há nuvem  
a lembrar que já fui céu.

Pode ir,  
feche a porta,  
sem gesto nem cuidado,  
que ninguém habita por baixo deste teto.

A minha voz  
já não tem pessoa dentro.

## A BELA E O ESPELHO

O espelho perguntou à bela:  
diz-me, minha donzela,  
qual de nós faz a beleza cegar?

A mulher ripostou:  
não te compares, escravo,  
eu sou imagem, tu és miragem.

E não és,  
digo-te eu que sou moça,  
não és nem coisa nem loiça,  
apenas um mero e cego vidro  
e ninguém senão eu te faz vivo.

O espelho repôs a verdade:  
dou-te eu olhos para que te vejas.  
Eu sou a vaidade  
em cuja pele te beijas.

Cala-te, escravo,  
que eu te posso embrulhar,  
cuspir, vender, sujar,  
e para sempre quebrar.

Na mesma hora,  
o espelho respondeu:  
entre nós há alguém  
de quem serás  
mais escrava do que eu.

Então, o espelho se fez baço,  
envelhecida luz, nuvem sem rosto.  
E a bela, com raiva de tal desabraço,  
o espelho quebrou a seu fel e gosto.

Dona de seus próprios passos  
a furiosa mulher os cacos pisou  
sem saber que, em cada estilhaço,  
sorria, vivo, um seu íntimo despedaço.

Quem assim, pérfido, sorria  
não era o espelho derrotado:  
a moça bela desconhecia  
que, em seu próprio rosto,  
um outro espelho trazia.

Esse outro espelho, ninguém diria,  
essa poeira que em seus olhos ardia  
por um simples nome respondia:  
e era o Tempo em que outra se fazia.

## IRMÃO INFINITO

*(ao Carlos Cardoso)*

Recorda-te, irmão,  
que já morreste.

Em outras vidas,  
outras mortes foram tuas.

Sempre tarde para ti,  
sempre cedo para a Vida.

Mas é preciso  
que nasças uma outra vez.

Para morrermos menos.

Até que de ti  
se esqueça o teu próprio fim.

## A PARTIDA

Ao partir,  
disseram-me: voltarás sempre.

Parecia um consolo.

Era uma condenação.

Odeio o sempre.

Nos lugares  
da vida carecidos,  
o sempre é o pior dos nuncas.

## VAGAS E LUMES

Há quem se deite  
em fogo  
para morrer.

Pois eu sou  
como o vagalume:  
– só existo  
quando me incendeio.

LUMES

## O QUE DIREI

Direi que nasci  
se fores água  
em minha boca desaguada.

Direi que cheguei  
se o teu peito  
em mim abrir o seu leito.

O rio se espraia  
para se perder do chão,  
e eu de mim saberei  
quando me afogar na tua mão.

Direi, então, que vivi  
sem precisar de ter nascido.



## A CASA

Confesso:  
quando a olhei  
eu apenas queria,  
em sua boca,  
a água onde começa a vida.

E fui num murmúrio:  
*preciso do teu fogo  
para não morrer.*

Ela, então,  
sussurrou o convite:  
*vem a minha casa.*

No caminho,  
porém,  
recusou meu braço,  
esfriou o meu alento.

E corrigiu-me assim o intento:  
*não te quero corpo,  
nem quero o fogo do leito,  
nem o frio do adeus.*

Suave murmurou:  
*levo-te,  
homem,  
a minha casa  
para aprenderes a ser mulher.*

Que nenhum outro fim  
a casa tem.

## A ESTRADA DE MARIA CINZA

Maria Cinza  
esqueceu as flores no parapeito  
à espera que um visitante  
lhe arrombasse o peito.

Maria Cinza  
esqueceu-se flor,  
secaram pétala e corpo  
na ilusão do amor.

Pudesse ela sonhar  
um ainda que fingido querer,  
uma saudade desfeita  
antes de um qualquer suceder.

Minha filha, advertiu o pai,  
a nossa gente  
tem tanto hábito de morrer  
que é pecado  
querer assim tanto viver.

Meu pai me perdoe  
mas não anseio viagem.  
Só quero ver o rio  
desfazer a margem.

Meus olhos estão mortos  
de tanto a estrada espreitar.

Que apenas sonhei morar  
na vida de quem viesse.  
E eu ceguei, meu pai,  
ceguei de tanto esperar.

Pois, melhor:  
cega serás minha.  
Assim disse o pai.  
E eu te chamarei de Cinzinha  
que a cegueira  
não é a do escuro  
mas do desistir de sonhar.

Assim, sem luz,  
verás a estrada se apagar.  
A estrada traz o tempo  
e o tempo nos leva os amores.

Escuta o meu conselho,  
minha pobre Cinzinha:  
recolhe as flores murchas  
que os rios morreram  
e a mesma maldição partilhas  
com a tua tão falecida mãe:  
– a solidão  
será a tua única nação.

Não devia o pai  
ter invocado a finada mãe.

Pois a moça escutou  
os velhos acordes de embalar:  
– «*Além da estrada...*»

E depois,  
todo silêncio se vestiu de saudade.

Nessa noite,  
Maria Cinza desceu a varanda  
e deitou-se nua sobre a estrada.

Enlouquecida,  
beijou o asfalto.

Felina,  
lambeu o chão.

Untuosa se roçou  
e gemeu com tal afeição  
que os atónitos sobreviventes  
não tinham palavra  
para dizerem o que viram.

E surpreenderam a estrada,  
como um rio solto,  
inundando o casario.

Ondas galgaram a varanda  
e levaram Cinzinha num mar revolto.

Na bruma se escutou a melodia:

«Além da estrada  
tudo é longe e além,  
um longo rio de nada  
onde cada um é ninguém.»

## PERGUNTA

Toda a ilha se crê  
maior que o oceano.

O que é de dentro  
não sabe ter tamanho.

Não me perguntes, por isso,  
de quando e quanto te amo.

Porque é de água  
este corpo que,  
em ti,  
procura  
foz e voz.

Lição de ilusão  
que aprendi desses cortejos:  
a ilha se afunda  
para que deixe de haver mar.

## MULHER INSONE (1)

São duas na manhã:  
eu e a manhã.

Não quero  
que amanheça.

Não quero  
que a Vida me veja viva.

Chorei-me inteira esta noite.  
A cama que foi nossa  
esta noite morreu.  
Falta apenas que os lençóis ardam.

É manhã  
e eu ainda te espero.

Escrava, escrevo.

Sou a minha própria corrente,  
sou o meu navio negreiro.

Entrego-te os meus pulsos  
para que me leves  
mesmo que eu seja  
apenas um esquecimento teu.

Somos duas, na manhã:  
eu e a mulher

com quem dormes.



## MULHER INSONE (2)

Uma vez mais,  
sairei a te buscar  
entre a noite e os atalhos.

Atravessarei o vômito dos bêbados,  
pisarei o riso das prostitutas  
e vencerei o luto de mim mesma.

Encontrar-te-ei,  
desencontrado e só,  
sem corpo e nu,  
incapaz de ida ou vinda.

Limpar-te-ei o rosto,  
esconderei a vergonha,  
mudarei a tua roupa.

Tudo isso farei  
com o mesmo gesto  
de quem veste um defunto.

Tudo isso farei,  
e todos celebrarão  
o meu generoso coração.

Só eu sei  
que não é virtude de esposa  
mas despeito de viúva  
esta noturna teima

de te trazer à casa a que pertences.

O meu prazer é outro:  
em cada madrugada;  
ensaio o teu repetido funeral.

## MULHER INSONE (3)

Órfã do tempo  
em que te espero,  
anseio pelo teu retorno  
enquanto rezo  
para que nunca mais regresSES,  
como se, isento de nome e rosto,  
nunca em mim tivesses vivido.

Porque me dói  
a tua lonjura quando estás perto  
e de mim me perco quando te ausentas.

Pena não saber morrer  
e olhar os teus olhos  
na derradeira luz do mundo.

E, nesse momento,  
trememente e frágil,  
nascer de novo  
perante o abismo do adeus.

Que pena não saber de Deus  
nem recolher em palavra  
o conforto de um céu redondo,  
feito apenas para o teu próximo regresso.

## MULHER INSONE (4)

É noite,  
espreito a rua  
como se ela fosse a casa  
que te recolhe.

Sou intrusa  
no meu próprio lar.

Conheço a minha raiva:  
quero apartar-me do teu corpo,  
roubar os olhos  
que incendiaste noutra mulher.

Quando chegares,  
as tuas mãos,  
eternas parteiras de mim,  
os meus pulsos deceparão.

Vê o que fizeste de mim:  
sou tão sombra  
que não me distingo do chão,  
esse chão feito apenas  
para de mim te afastares.

Vê o que faço sem ti:  
não encontro sono onde dormir  
nem me resta luz para acordar.

E de tão só e calada,

em mim tanto demorei  
que do meu nome me esqueci.

Como posso viver  
com tão pouca vida?

Há mulheres  
que estão vivas  
quando se lembram.

Esquecer  
é o que, a mim,  
me faz ser mulher.

## A PRENDA

O menino  
recebeu a dádiva.

Era o seu dia, assim disseram.

Estranhou:  
os outros dias não eram seus?

Se achegou.  
Espreitou.

A oferenda,  
era coisa tão nenhuma  
que nem parecia existir.

– *O que é isso?*, perguntou.  
– *É uma prenda*, responderam.

Que prenda poderia ser  
se tinha forma de nada?

– *Abre.*

Abrir como,  
se não tinha fora nem dentro?

– *Prova.*

Como provar

o que não tem onde se pegar?

Olhou melhor.

Fixou não a prenda,  
mas os olhos de quem dava.

Foi, então:

o que era nada  
lhe pareceu tudo.

Grato,

retribuiu com palavra e beijo.

O que lhe ofereciam  
era a divina graça do inventar.

Um talento

para não ter nada.

Mas um dom

para ser tudo.

## O HOMEM QUE AMAVA A ESTRADA

Iniciaram a obra  
na estrada de areia.  
Iam alcatroá-la.

Vieram os topógrafos,  
no rosto do chão  
corrigiram rugas e refegos.

No dia seguinte,  
chegaram,  
carregados, os camiões  
e depararam  
com um homem  
todo estendido na estrada.

Pediram que saísse.  
Ele respondeu  
que ali se derramara  
para impedir as obras.

Quiseram saber as razões.  
E o homem respondeu:

– *Sou o marido desta estradinha.*

Riram-se: *marido?*  
Estaria, por certo, embriagado.

Com menos paciência



ordenaram que os deixassem trabalhar.

– *Trabalhar?*, duvidou o homem.  
Como podiam  
chamar de trabalho a um tal assassinato?

Já ninguém achava graça.

Havia o tempo  
que se estava a perder,  
e nada mais arredio que o tempo:  
dispendioso se torna  
quando o perdemos.

– *Queremos trabalhar, temos prazos!*

Prazo é o nome do tempo  
para quem dele é escravo.

– *Não me deixem viúvo, implorou.*

Que ele tinha aquele chão  
como o pescador tem a maresia,  
não rasgassem essa teia  
que fiava a Vida na rodovia.

Tentaram forçá-lo.  
Em vão.

Chamaram o padre,  
a família,  
o presidente do município.

Nada demoveu  
nem os intentos  
nem as raízes  
do homem que amava a estrada.

À força,  
arrastou-o a polícia,  
as unhas sulcando a areia  
enquanto beijava a poeira:  
– *Adeus, minha esposa...*

E encarceraram o resistente.

Em clausura  
ele ficou por olvidados tempos.

Até que, um dia,  
se recordaram do cativo.

Quando abriram a cela  
o homem tinha desaparecido.

Estranharam, primeiro.

Depois leram, a giz, inscrito na parede:

– *Nunca aqui estive.*  
*A parede é a estrada*  
*de quem sonha.*

## BEBEDOR DE LUAS (1)

Bebedor de luas  
me embriago,  
no cio da tua lembrança.

O mesmo rio  
sustenta a tua boca:  
duas margens de água e carne,  
duas metades da noite,  
duas orlas do mesmo beijo.

Sob esta lua,  
sedutora de homens e lobos,  
a mesma dúvida dilacera:  
e do sempre que fomos o que restou?

Silêncio aos pedaços,  
palavras que só rasgadas se soletram.

E são ainda de aves  
as folhas que tombam  
e não há chão nem vento  
onde se deitem.

Melhor dormir  
se o tempo se faz sem ti.  
Melhor guardar-te em sonho  
até seres o meu último sono.

## BEBEDOR DE LUAS (2)

Desperto,  
sabendo não haver dia:  
todas as pedras secaram,  
saudosas do teu caminhar.

Todas as luas  
ficaram por nascer:  
pena ser este o único mundo,  
o estreito leito para existirmos,  
um e dois.

Pena não haver  
um outro tempo,  
outro depois.

De novo,  
bebo da tua ausência  
o luminoso veneno em que escureço.

O dia regressa,  
mendigo e magro,  
buscando em mim  
memória de um amor  
que, de tão vivo,  
não saberá nunca ter lembrança.

## FOGO E ÁGUA

Cansa-me  
ser quem serei  
porque em tudo  
esse outro se parece  
com o que sou.

Cansa-me  
o adeus de quem nasce.

E a viagem,  
à nascença,  
morre de fadiga.

Resto eu em ti  
terra ardente,  
água de fogo.

Só a tua lava me lava.

Abraça-me.  
Abrasa-me.

## FUNERAL

Chegam primeiro  
os que se servem de flores  
para fingirem chorar.

Compareço tardio,  
mais derradeiro que o morto,  
cuidando não pisar o chão.

Por respeito  
de um vivo entre os vivos,  
não tenho para ofertar  
senão uma ausência de mim,  
um silêncio sem peso e sem destino.

E ali,  
na pedra da igreja,  
entre inflamados suspiros,  
vejo a mão ser cortada pela flor  
e o sangue tombar  
em coagulada pétala.

Chove, o céu goteja  
sobre o vivo rosto do falecido.

Cada gota,  
uma letra nos ausentes olhos.

Volto a casa  
sob um céu de uma outra vida.

E penso em ti,  
meu amor,  
enquanto recordo o morto  
e a sua infinita demora em falecer.

Ninguém está morto  
se é lembrado, eis o que dirás.

E é apenas  
para ti que regresso,  
como se despedida e chegada  
tivessem a mesma promessa de vida.

Como se nenhum chão  
se abrisse senão para semente.

Recolho a chuva toda  
de todos os céus  
e não tenho gota para te ofertar.

Regressarei sempre  
sem saber se fui lembrado.

O morto  
sou sempre eu.

## A INÚTIL PALAVRA

Em tua pele me escrevo,  
certo e certo:  
quem ama inteiro  
não fala nem cala.

E nem voz  
nem silêncio  
traduzem esse tricotar de alma  
num infinito tear de corpos.

Por isso duvido  
se alguma vez te escrevi,  
ou se em ti me tatuei.

Tudo o que é palavra,  
em outro tempo,  
já foi cantado.



## O AMOR ROUBOU-LHE O NOME

Foste mulher  
quando foste viva.

Foste noiva  
quando foste chuva.

Asas criaste  
como as formigas em novembro.

Efémeros remos  
apartados do corpo  
assim que tocaram o solo.

E cada asa  
foi gota de chuva  
às avessas escalando o céu.

Como se não soubesses,  
no convulso momento,  
se morrias ou nascias em mim.

## O AMOR, TALVEZ

Este perder-me de mim  
até não ser minha  
a minha própria vida:  
talvez seja isso  
o que outros chamam de amor.

Sopro a pétala,  
voam os dedos  
pelo céu do teu corpo.

E quando te dispo  
é para que o mundo emudeça,  
num desmaio de ausência.

E talvez seja isso  
que os outros chamam de amor.

## INUNDAR DE INFÂNCIA

Hoje acordei sem dia,  
a casa sem lar,  
a cama sem leito.

Hoje acordei sem mim.

Saí à rua,  
para me deixar possuir  
pela simples leveza de existir.

Crianças passaram por mim,  
aos bandos de espantar,  
com folias e desmandos,  
nessa fabricação de milagres  
que é o absoluto brincar.

Dentro de mim  
o universo se dissolveu  
e um respirar de céu  
em meu peito se inundou.

Seria a Vida,  
seria o Tempo sem nostalgia,  
ou seria, apenas, a poesia?

Sei que havia um fluir de rio  
lavando antiquíssimas dores.

E do cristal de tristeza

que antes me negava o ar,  
desse nó de vazio,  
voltou a nascer o mar.

## IMPOSSÍVEL DESPEDIDA

O teu espasmo  
no meu corpo se desatou.

O meu suspiro  
no teu cansaço despenhou.

De tanto escuro  
não posso despertar.

De tanta luz  
não sei respirar.

O meu corpo  
do teu corpo se despe.

Na porta que bate  
a casa inteira suspira.

Enquanto  
te vejo afastar na rua,  
um antecipar de saudade  
me demite de ser gente.

Neste mundo  
de amores tão escassos,  
o que posso fazer senão amar,  
amar o pouco,  
amar o que ainda é sonho,  
amar até o medo de não mais amar?

Na rua feita neblina,  
os teus passos,  
são nuvens feridas  
que à terra regressam.

Neste mundo  
de amores tão escassos,  
teimam os teus passos  
sobre esse mesmo chão  
onde deus se cansou de ser divino.

## SABEDORIAS

Não me basta ser:  
eu quero o transbordar de tudo,  
o desassombro  
que toda margem desconhece.

Não me basta morar:  
quero ser habitado  
por quem ao destino desobedece.

Não me basta viver:  
quero a vida como febre,  
o amor como lume e água.

No final, saberás:  
o que se ama não regressa.

O que se vive  
não começa.

E o sonho  
nunca tem pressa.

## O PRISIONEIRO

Abrem-se  
os meus dedos  
para serem a tua mão.

Rasgo-me,  
sem peito,  
para respirar dentro de ti.

No teu suspiro,  
não tenho mais corpo.

Agora,  
já não há espera:  
quando não estás, não sou.  
E quando chegas,  
o tempo não sabe mais de mim.

Eis-me  
prisioneiro  
do instante infinito.

Posso sangrar  
na lâmina da despedida.

Mas nunca mais tenho partida.



## O QUE DEIXO POR LEGADO

Molda-se por dentro  
a chave com que me abro.

Já não sei  
do meu princípio.

De nascença  
não sou de alma, mas de pedra.

Eis o que deixo:  
de todos os tamanhos, os sonhos;  
de todas as cores, os amores.

Se achardes magra a herança  
em meus versos buscai  
uns poucos e inábeis milagres,  
palavras que acreditava inventar  
e que era a mim que inventavam.

Não terei, no fim,  
senão uma única morada:  
a luz que nasce nos olhos teus.

## FALSO LUTO

Tristeza assim,  
tão derramada,  
não tem senão falsa razão.

Lágrima assim,  
tão viva e exposta,  
só pode salgar mentiras.

Desgosto tão à vista  
só pode ser lembrança  
de antiga casa bem quista,  
nostalgia de canto, choro ou dança.

Mais do que um pranto  
é um despir de asa,  
a fria febre do que foi brasa.

Saudade não de um tempo  
mas de um Sol que já morreu.

## DA SAUDADE E DA URGÊNCIA

Ama-me,  
agora,  
antes que a palavra chegue.

Toca-me  
antes que haja mundo,

Beija-me  
antes que comece o beijo.

Despe-me  
para que eu esqueça ter corpo.

Devolve-me  
o reino onde fui deus.

Ama-me  
até não sermos dois.

Ama-me.

E tudo será depois.

## SOMBRA

Tanto foste o meu sono  
que não houve manhã  
que não tivesse nascido em ti.

Tive terra como quem tem mar.

Tive amores  
como quem, antes de viajar,  
apenas sonha regressar.

Fui feliz  
quando não soube o que queria.

Andei por abrigos extensos.

Mas não encontrei sombra  
senão na casa da poesia.

## ANIVERSÁRIO

A flor que és,  
não a que possa comprar,  
te venho oferecer.

E se for de flor  
a minha dádiva,  
a terra inteira  
em teus dedos se desfolha.

E se for sem história  
o meu gesto  
toda a pétala no nada se despenha.

Morrer é ter terra finita.

E eu tenho a febre  
da inatingível margem.

Em ti transito  
entre lua e noite,  
e cubro de mar  
a outra metade do mar.

## A CASA E O NOME

Certa vez,  
um menino fez uma casa.

Não sabia  
quem haveria de morar nela.

Mas fez uma casa.

Vieram formigas e ocuparam-na.

E porque estivesse habitada  
o menino leu as formigas como se fossem letras.

Veio uma árvore para morar na casa.

E o menino, pela primeira vez,  
acreditou que as árvores existiam no mundo.

Vieram nuvens e na casa fizeram morada.

E o menino olhou o céu  
como se antes não houvesse luz nem astros.

Surpreso  
de tanta existência,  
o menino deitou-se no sono  
como quem dá sombra à própria vida.

De tudo e de todos,

a moradia fez-se povoar.  
Mas nunca ele se sentiu repleto.

Aprendeu então  
que casa não é coisa para ter mas para ser.

Faltava-lhe esse ser  
feito do que não se pode ter.

Queria o menino  
essa dupla metade,  
esse gomo de plenitude.

Mas  
teve medo  
de lhe faltar peito  
para tanta infinidade.

Foi então que saiu  
pelas veredas do mundo,  
deambulando sem saber se existia  
o que em si mesmo procurava.

Nessa sonâmbula viagem,  
desencobriu vidas, espanejou histórias  
e colheu falas, suspiros, palavras.

E assim  
foi empilhando  
os nomes das coisas:  
aos poucos, um outro lar,  
em sua casa nascia.

E parecia que tudo era tudo  
e era dele o que sonhava.  
Mas havia um contudo:  
uma incerta carência

ainda lhe doía, como intraduzível ausência.

Foi então que,  
em suas novas andanças,  
o menino passou a coligir  
não apenas palavras,  
mas os nomes das coisas  
que não tinham nome.

Palavras sem competência  
de coisa ou gente  
treparam paredes, forraram teto,  
sepultaram degrau e soalho  
e engravidaram silêncios e sombras.

Desde então,  
quanto mais cheia a casa,  
mais nela cabia o mundo.

Por fim,  
o menino entendeu:  
– o que lhe fazia companhia  
era o que nunca tinha guardado.

Porque não havia casa  
a não ser no vazio da ilusão,  
e não era senão ele mesmo  
a sua interminável construção.



## MARESIAS, QUASE SAUDADES

O teu corpo,  
deixou sem sal o mar.

Em mim restou  
um respirar de marés,  
oceano náufrago,  
afogadas sombras de água.

Eis a praia  
em que estiveste deitada:  
não há areia  
que não desenhe o teu passo.

Descalço sobre o Sol  
sigo no encalço do que nunca será antigo.

De quem fui onda,  
sou agora espuma,  
búzio sem eco,  
lembrança de viagem nenhuma.

A lágrima e o suor  
do mesmo sal  
agora se entretecem:  
– na falsa fundura dos lagos,  
peixes de água  
banham-se sem nenhuma verdade.

E dançam

como se houvesse eternidade.

## QUIMERAS

Já me cansa  
ter esperança.

De tanta quimera desfeita  
aprendi a existir de sobras,  
neste tempo de quases e nunca.

Morro  
de tanta vida por viver.

Calo-me  
de quanta palavra esbanjada.

Desvaneço  
de tanto beijo adiado.

O meu quarto  
é o mundo inteiro sem mundo.

Quem me dera ser anjo  
e sentir leve a terra  
sob os meus pés alados.

Quem me dera  
uma casa de nascença,  
quem dera um lume de crença,  
um incêndio de todos os recomeços.

Quem dera

o quarto fosse de barro tenro,  
um lugar de príncipe e princípios.

No sono  
em que finjo adormecer  
perco a noite  
e o seu balouço de sonhos.

Sob o umbral da insónia  
dou de beber a anjos  
que se extinguem  
na poeira dos desertos.

## EMBOSCADA

Sou dente para o teu beijo,  
garra para a tua beleza.

Abro a casa  
para o teu silêncio.

Mas não tenho leite  
para o teu cansaço.

O que nosso amor acende,  
luz cega,  
não nos deixa ver,  
distintos, um e outro.

Embriagada visão  
do que é metade,  
só vejo o que é tudo.

Eis o meu vício:  
o que bebo não tem medida.

O que a minha sede busca  
não é a bebida,  
mas a sombra da água  
onde eu,  
numa outra vida,  
morei sem voz nem mágoa.

## AMOR E ALMA

Amar,  
só ama  
quem amou antes.

Felizes  
os que sabem  
que, antes deles,  
se cumpriram amores.

Afortunados  
os que de si sabem  
no milagre das estações.

Venturosos  
os que escutam  
a mulher dizer:  
estou a sonhar um filho.  
E engravida.

A alma que temos  
só fora de nós  
tem morada.

E vai-nos chegando  
como a distante luz  
que em nós demora:  
– um olhar sem fundo,  
uma palavra cega  
à procura do mundo.